

A EUROPA ESTÁ SE REARMANDO? AINDA NÃO ESTÁ DECIDIDO

Por Stephen Bryen*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A Europa busca rearmar-se com planos bilionários, mas será que a estratégia de converter fábricas civis em militares resolve os problemas econômicos? Esta análise aponta divisões políticas e incertezas sobre a eficácia do plano.

A UE propôs um [Plano de Rearmamento da Europa](#) que arrecadaria mais de € 800 bilhões (US\$ 866 bilhões) para a defesa, enquanto a Alemanha acaba de aprovar uma legislação que aparentemente comprometerá € 1 trilhão (US\$ 1,08 trilhão) para o setor de defesa. Embora superficialmente pareça que a Europa está se preparando para a próxima guerra, a verdade é bem diferente: a Europa está tentando encobrir seus profundos problemas econômicos injetando dinheiro em suas economias por meio da construção de armamentos. Mas será que essa estratégia funcionará?

Existem problemas em diferentes níveis.

O primeiro é econômico. No cerne do planejamento está a ideia de que fábricas civis podem ser convertidas para produzir armamentos, especialmente equipamentos pesados, como tanques e veículos de combate blindados. A empresa alemã [Rheinmetall](#), por exemplo, está considerando [comprar uma fábrica da Volkswagen](#) em Osnabrück, no norte da Alemanha, que enfrenta um futuro economicamente incerto.

Uma ideia semelhante tem sido promovida pelo governo da Itália, buscando pressionar a Stellantis a começar a produzir equipamentos de defesa em suas fábricas de automóveis.

No ano passado, a Stellantis produziu menos de 500.000 veículos comerciais na Itália (Fiat mais Alfa Romeo, Maserati e Lancia) em comparação com 751.000 em 2023, a menor produção na Itália desde 1956.

O presidente da Stellantis, John Elkann, [rejeitou a demanda do governo](#) para converter algumas fábricas para a produção de defesa, dizendo que sua empresa não acreditava “*que o futuro do carro é a indústria de defesa*”.

Um problema fundamental é que o argumento econômico de converter a produção de alto volume para equipamentos de defesa de baixo volume faz pouco sentido industrial. Embora seja verdade que algumas empresas de carros que produzem caminhões e outros equipamentos pesados têm guindastes e elevadores que potencialmente são utilizáveis para veículos blindados, até mesmo tanques, essas plantas são organizadas para a produção em massa, não para uma produção de baixo volume, principalmente manual.

Na Segunda Guerra Mundial, os EUA interromperam a maior parte da fabricação de automóveis (exceto para veículos necessários para a guerra) e converteram para a fabricação de defesa. A produção dos EUA foi surpreendente: 297.000 aeronaves; 193.000 peças de artilharia; 86.000 tanques e dois milhões de caminhões. Hoje, os EUA produzem apenas 250 caças por ano. Em um conflito de cinco anos como a Segunda Guerra Mundial, isso equivaleria a uma produção total de 1.250 jatos, nada parecido com a produção da Segunda Guerra Mundial.

Hoje, a Europa não produz mais de 50 tanques de batalha por ano. Embora esse número seja muito baixo, levará anos para converter uma fábrica de automóveis para a produção de tanques, então a produção real de tanques na Europa não pode crescer muito nos próximos cinco anos. Além disso, uma conversão de planta para equipamentos militares significa uma reformulação substancial de uma fábrica de automóveis. Menos funcionários também serão necessários, embora os sindicatos da Alemanha tenham muito a dizer sobre os níveis de emprego, remuneração e benefícios sociais.

Claramente, o modelo da Segunda Guerra Mundial, que exigiu uma mobilização nacional para lutar na guerra, não está nos planos nos EUA, na Europa, e nem mesmo na Rússia ou na China.

Também é importante salientar que a indústria de defesa da Europa é fragmentada, suas [cadeias de suprimentos são incertas](#) e, em muitos casos, extremamente caras, e nenhuma é conhecida por eficiência ou relação custo-benefício. Muitas dessas empresas foram impulsionadas devido às transferências de armas para a Ucrânia, onde recebem o preço máximo. Se a guerra na Ucrânia terminar, então para onde irá a produção adicional projetada, se é que irá para algum lugar?

Uma consequência de mais equipamentos militares é que mais tropas serão necessárias e mais apoio será exigido. Como isso será contabilizado, no momento, não se sabe. Sem o recrutamento obrigatório, não será fácil aumentar a estrutura de forças da Europa. A Europa, dizem, está enfrentando uma [crise no recrutamento militar](#).

Tanto os casos alemão quanto italiano devem ajudar a resolver problemas econômicos e de emprego e, de alguma forma, reviver as economias alemã e italiana. Mas, na prática, a ideia parece mais um programa de subsídios para manter as plantas operando, ainda que com uma produção significativamente reduzida. Ambos os países precisarão decidir se realmente podem arcar com os subsídios ou se os subsídios ajudarão a consertar a recessão na Alemanha ou o clima econômico ruim na Itália. Como o CEO da Stellantis sugeriu, a forma de consertar as vendas de carros não é fabricando armas.

É de se perguntar se algum estudo sério avaliou se faz sentido econômico converter fábricas existentes para a produção de guerra em tempos de paz ou mesmo se enormes subsídios vão curar o mal-estar econômico na Alemanha e em outros lugares.

A QUESTÃO POLÍTICA

Embora o aumento nos gastos com defesa, conforme proposto na Alemanha e pela UE, enriquecerá as empresas de defesa que podem tirar proveito do novo dinheiro, não há consenso sobre o objetivo estratégico dos gastos. Na verdade, há uma clara divisão política entre a UE e alguns países membros da UE. Esta é uma razão fundamental pela qual a Itália se opôs ao plano de Rearmamento da Europa da UE, derrotando a proposta de gastos promovida por Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia.

Em uma atitude incomum, o ministro da Defesa da Itália, Guido Crosetto, enviou uma [carta aberta publicada no Corriere della Sera](#), o jornal mais lido da Itália. Crosetto salientou que *“a defesa europeia... não pode substituir a OTAN e nem oferecer o mesmo nível de proteção”*. Ele explicou que a UE não pode ditar uma política de defesa comum para a Europa sem que todos os membros da UE concordem. *“O próprio Tratado da UE prevê... a possibilidade de uma política de defesa comum, mas apenas após uma decisão unânime do Conselho Europeu. Uma circunstância que, de 1992 até hoje, nunca ocorreu nem está em discussão, hoje, em nenhum governo ou estado membro.”*

A liderança da UE tem defendido um papel de defesa fora da OTAN, com a intenção de substituí-la ao longo do tempo. A resistência da Itália a essas ambições, pelo menos por enquanto, interrompeu o Plano de Rearmamento da Europa da UE.

INCERTEZAS

Todo o plano para impulsionar os gastos com defesa carece de qualquer justificativa estratégica compreensível. Que tipo de forças são necessárias para a defesa europeia? Quais setores exigem o maior investimento? Da mesma forma,

não há um plano real sobre a consolidação da produção de defesa europeia de forma significativa, embora todos estejam falando em fazê-lo (como têm feito nos últimos 50 anos).

Também é incerto se o Bundestag ou qualquer outro parlamento na Europa será capaz de financiar o que estão prometendo. A principal característica da legislação da Alemanha é facilitar o aumento dos gastos com defesa sem incorrer em uma proibição constitucional de déficits orçamentários maiores que 0,35% do produto interno bruto. Relatos dizem que a legislação recém-aprovada inclui uma emenda constitucional que renuncia ao limite de déficit orçamentário para gastos com defesa. Esse é um passo potencialmente grande, mas com uma economia atolada em recessão e com pouco incremento real no emprego vindo dos novos gastos, será difícil sustentar o apoio político na Alemanha ou em outros lugares para grandes desembolsos para a defesa. Além disso, se a guerra da Ucrânia for resolvida, a Alemanha buscará recuperar seus negócios perdidos na Rússia. Da mesma forma, existe a possibilidade tentadora de que a Alemanha tente novamente comprar gás mais barato da Rússia, até mesmo reformando gasodutos, até mesmo o Nord Stream. Uma mudança na mentalidade dos industriais alemães pode muito bem frustrar a mudança para impulsionar a produção de defesa.

Programas de subsídios estatais, mesmo os que custam € 1 trilhão, precisam ser baseados em uma estratégia de defesa coerente, que a Europa não tem, e em uma compreensão das ramificações econômicas, que podem muito bem não entregar nada parecido com o que parece ser prometido. O júri ainda está deliberando sobre o Rearmamento da Europa.

Publicado no Substack de [Stephen Bryen](#).

****Stephen Bryen** é ex-subsecretário adjunto de Defesa e especialista líder em estratégia e tecnologia de segurança. Bryen escreve para o Asia Times, American Thinker, Epoch Times, Newsweek, Washington Times, Jewish Policy Center e outros.*
